

POÉTICAS E IMAGENS DO CAOS: ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA
POETICS AND IMAGES OF CHAOS: ETHICS, AESTHETICS AND POLITICS

DOI 10.20873/ufft2179-3948.2022v13n2p1-3

Rita Lenira Bittencourt¹

Nilcéia Valdati²

Como atuam e são elaboradas as poéticas e imagens do caos? Este é propósito dos textos apresentados neste número da revista EntreLetras. Em um recorte temporal, desde a Segunda Guerra Mundial, passando pelas ditaduras latino-americanas, até chegarem ao momento político atual, os artigos se propõem a pensar como a literatura e as outras artes lidam com o caos, a partir da problematização de questões éticas, estéticas e políticas.

A guerra ganha evidência no texto de Dionei Mathias, “Literatura de fluxos migratórios e guerras”, que avalia a figuração de guerras em ficções produzidas no contexto de fluxos migratórios, trazendo como exemplo a análise comparada de dois romances contemporâneos, escritos em língua alemã, *Tauben fliegen auf* (2010), de Melinda Nadj Abonji, e *Jacob beschließt zu lieben* (2011), de Catalin Dorian Florescu. Em seguida, Elisabete Alfeld volta às cenas de guerra, desta vez no Brasil, explorando a obra de Valêncio Xavier. No artigo “Cena contemporânea: o caos textualizado em *O mez da gripe*”, a autora propõe uma análise do processo de composição do livro a partir da coleção de fragmentos referentes à Primeira Guerra Mundial e à epidemia da gripe espanhola seguindo o processo de elaboração do romance, que aproveita os recursos da colagem e da montagem.

A ditadura civil militar brasileira é o tema de textos como o de Emerson Pereti “Alegoria e necropolítica: o cadáver como emblema na contrarreforma do neoliberalismo”, que toma o conceito de alegoria benjaminiana para associar o desaparecimento dos corpos, nos anos 1970, com as políticas da morte, durante a pandemia da Covid-19, defendida e executada pelos herdeiros políticos do militarismo cinquenta anos depois, e de Wallace Rodrigues, em “Arte de

¹ Professora de Teoria da Literatura e de Literatura Comparada, do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS. Orcid <https://orcid.org/0000-002-5087-1387> contato rita.lenira@ufrgs.br

² Professora de Literatura Brasileira, do Departamento de Letras, e do Programa de Pós-graduação, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Paraná. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-6145-3618> contato nvaldati@unicentro.br

guerrilha e sua poética de contestação da ditadura militar no Brasil: os casos de Cildo Meireles e Artur Barrio”, que se propõe pensar sobre a arte da contestação e sua estética crítica por meio das obras de dois importantes artistas visuais em contexto ditatorial, considerando a força, o efeito e a potência das poéticas de guerrilha.

Camila Araújo Gomes, em “Três notas sobre um Brasil ditatorial em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, de Milton Hatoum” articula “a teoria da sensibilidade como forma da experiência possível, com a teoria da arte como reflexão da experiência real (DELEUZE, 2015)” para ler o cruzamento da trajetória ficcional do personagem Martin, de Hatoum, com o passado ditatorial brasileiro e sua relevância em tempo presente. Já Paulo Roberto Barreto Caetano e Luiz Henrique Carvalho Penido, em “Do político ao poético: “fascismo” em *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar”, discutem a elasticidade do termo “fascismo” a partir da leitura da novela de Raduan Nassar, passando pelos pressupostos de George Orwell (2017), Atílio Boron (2003), Roland Barthes (2004) e Antonio Candido (2006). Por fim, Diego Rodrigo Ferraz, em “Memória, linguagem e política num oceano ficcional: uma leitura de *No fundo do oceano, os animais invisíveis*, de Anita Deak”, estabelece uma leitura deste romance, cujo enredo fragmentado mistura elementos do cotidiano com as memórias da guerrilha do Araguaia, em busca de uma conjunção crítica que se situa entre a política e a estética.

Um terceiro bloco apresenta poéticas que atravessam tempos, espaços e reverberam em problematizações do agora. Assim, Pedro da Cunha Germano, em “A obra *Necrofobia* (2014) como representação o *cinismo moderno* argentino”, relaciona o filme argentino *Necrofobia* (2014) com a noção de *cinismo moderno*, de Peter Sloterdijk (1987), associando o terror artístico com terror social e o cinismo com ideologia fascista. Diego Lock Farina, em “A mulher como campo de batalha e o drama nos corpos precários”, analisa o texto dramaturgico de Matei Visniec, observa outras possibilidades de abordar o corpo, a igualdade, a afecção, a sensibilização literária e a justiça comum no para além do racionalismo da filosofia mecanicista e do capitalismo, a partir do pensamento de Deleuze, Federici e Butler. A seguir, em “Literatura, memória e história: um olhar testemunhal para *Vista Chinesa*”, Luciana Iost Vinhas, aborda o livro de Tatiana Salem Levy com base nos conceitos de testemunho, memória e história. A autora do artigo observa que a narração da situação-limite do estupro estabelece uma relação entre passado-presente-futuro e “ganha um corpo verbal sempre em falta que gira ao redor do corpo da mulher”.

Rubens Corgozinho, em “Sin padre e sem pátria: a estética da orfandade e do deslocamento em *Putas asesinas* de Roberto Bolaño”, discute a poética do escritor chileno, nos

contos de *Putas asesinas*, em torno das noções de deslocamento e orfandade, e, por consequência, apresenta discussões acerca de exílio e do regime militar no Chile. Por fim, Sergio Schargel, em “Sangue nas folhas, sangue na raiz: revisitando *Luz em agosto* à luz da desumanização e da dupla consciência”, retoma o texto Faulkner para lê-lo a partir de conceitos como dupla consciência, construído por W.E.D Du Bois, e desumanização, apresentados por Angela Davis e Edward Said.

Na Seção Livre, o espaço é reservado ao caos na poética de mulheres escritoras. Fabrício Lemos da Costa, em “O futuro de Martim: por uma liberdade não-burguesa em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector”, problematiza, a partir do texto clariceano, a ideia de se postular uma liberdade autêntica num mundo burguês e capitalista, que exigiria uma vida livre, por vir, em convivência com seres orgânicos e inorgânicos. No segundo artigo, Jailma da Costa Ferreira, em “Narrativas fotográficas na poesia de Marília Garcia”, estuda o poema “Parque das ruínas”, de Garcia, para observar que, sendo um texto produzido no limiar entre poema, diário e ensaio, poderia também ser chamado de narrativa fotográfica, sem antepor uma linguagem a outra e considerando a ruína como espaço poético.

Consideramos importante mencionar que, em 2018, organizávamos as publicações de um dossiê de outra revista, cujo entrelaçamento entre ética, estética e política também o atravessava. Naquele momento, o trabalho do poeta e professor Alberto Pucheu nos ajudava a pensar o tempo, aquele presente caótico, tanto para quem escreve poesia quanto para quem estuda a literatura e a arte, lançando o questionamento “pra que poetas em tempos de terrorismos?”. Quatro anos depois, com a possibilidade de um outro presente, acolhemos novamente as palavras do poeta, dizendo-nos que, depois de tempos submersos, “é preciso voltar à superfície”.

Por via das dúvidas, cabe o “Lembrete”:

Se, quando tudo isso passar,
Eu, que tentei guardar uma memória
do presente, já tiver morrido,
lembre-se guardar
a memória deste nosso tempo
para que ele não volte ainda depois
de quando tudo isso tiver passado. (PUCHEU, 2022)